

A LINGUAGEM ROMÂNTICA E O ESPORTE

Luciana M. N. Peil
Hugo Rodolfo Lovisolo

RESUMO

Neste texto elaboramos a ideia de uma linguagem romântica e sua projeção no esporte. A linguagem simbólica de que se servem os românticos é um discurso que se vale de artifícios que estimulam nossa imaginação e criatividade através de figuras que evocam nossas emoções. A linguagem romântica é calcada em sentimentos e expressa pela prosa. A linguagem do gosto traz em baila a valorização da autenticidade encontrando eco na linguagem simbólica dos românticos ao permitir e privilegiar o devaneio criativo que salienta as individualidades, mas deseja a integração. A linguagem romântica no esporte busca vencer a angústia da cisão e vê no próprio esporte a possibilidade da integração almejada pelos românticos.

Palavras chave: Romantismo

ABSTRACT

In text we have elaborated an idea of a romantic language and its projection on sport. The romantic language used by the romantic is a kind of speech that makes use of means that stimulate our imagination and creativity through images that recall our emotions. Romantic language is based on feelings expressing itself in prose. The called taste language brings about the valorization of authenticity, echoing the romantic symbolic language when it allows and favors the creative daydream and emphasizes individuality while desires integration. Romantic language tries to overcome the anguish caused by that division and see in the sport itself the possibility of the integration aimed by the romantic.

Key words: Romanticism

RESUMEN

En este documento hemos elaborado la idea de un lenguaje romántico y su proyección en el deporte. El lenguaje simbólico de que se utilizan los románticos es un discurso que se vale de artificios que estimulan nuestra imaginación y creatividad a través de figuras que evocan nuestras emociones. El lenguaje romántico está basada en sentimientos y es expresada por la prosa. El lenguaje del gusto trae la valoración del auténtico, encontrando eco en el lenguaje simbólico de los románticos al permitir y privilegiar el devaneio creativo que pone de manifiesto las individualidades, pero desea la integración. El lenguaje romántico en el deporte busca vencer la angustia del cese y ve en el mismo deporte la posibilidad de la integración planteada por los románticos.

Palabras clave: Romanticismo

A linguagem

Neste texto elaboramos a ideia de uma linguagem romântica e sua projeção no esporte.

A linguagem pode ser entendida como o uso da palavra articulada ou escrita como meio de expressão e de comunicação entre pessoas. Ricoeur (1988) coloca que devemos entender por linguagem não apenas o sistema das línguas, mas as coletâneas das coisas ditas, a síntese das mensagens mais significativas vinculadas, não somente pela linguagem comum, mas por todas as linguagens que fazem de nós o que somos. Taylor (1997), em seu texto de resgate da importância de Herder para as teorias da linguagem, coloca que alguém adquire a linguagem quando participa da dimensão lingüística, ou seja, quando este alguém possui uma compreensão subjetiva a respeito da correção do uso de uma palavra em virtude de seu pertencimento e envolvimento com o contexto. A compreensão subjetiva pressupõe uma reflexão dentro deste contexto. Como diz Taylor (1997) com base em Herder, para que a reflexão ocorra, se deve manter uma distância de um sinal imediato e instintivo das coisas. A reflexão, então, nos capacita para sermos usuários da linguagem. Berlin (1982) ressalta que Herder acreditava que ser completamente um Ser Humano é pensar e pensar é comunicar-se.

Para que exista linguagem, deve existir a troca entre locutor e ouvinte e, portanto, o entendimento no diálogo, o que pressupõe uma interpretação do discurso (fala) do outro. A linguagem se efetua como discurso, remetendo ao locutor que se dirige a alguém e então temos o diálogo. Algo acontece quando alguém fala, é o evento, que é temporal e presente. Ele é a vinda à linguagem de um mundo mediante o discurso e é no discurso que as mensagens são trocadas. O evento é o estabelecimento do diálogo. O diálogo, o evento, é compreendido como significação, ou seja, como interpretação e esta revela a intencionalidade da linguagem.

O discurso nunca é isolado. Lembra Ricoeur (1988), que o orador, aquele que fala ou escreve (que se expressa), nunca está sozinho e, portanto, está sempre interpretando o discurso do outro ao mesmo tempo em que também é interpretado. Em verdade, o diálogo se trava na troca entre pólos donde advém uma síntese, uma interpretação. *“A linguagem se forma e cresce principalmente não no monólogo, senão no diálogo ou, melhor, na existência da comunicação falada.”* (TAYLOR, 1997, p. 140).

A linguagem romântica

O termo Romantismo tem sua origem nos romances de cavalaria e nas canções dos trovadores. A linguagem poética - posto que poesia correspondia nas origens do Romantismo, segundo Zilberman (1999), a todos os textos artísticos que usavam a palavra escrita - utilizada nestes romances e canções, tem origem na produção oral popular. O romance de certa forma até hoje tem uma conotação de literatura inferior por sua origem popular, em relação à literatura erudita, isto é, à literatura para os mais instruídos e que não fazem parte do populacho. Através da prosa usada nestes romances, acontece uma aproximação da linguagem poética com a linguagem comum da fala popular e isto propiciou uma nova perspectiva da vida.¹

Elia (2002) lembra que a Revolução Francesa, que marcou fortemente o início do Romantismo, colocou em posição de destaque o povo e, portanto, o adjetivo popular.

¹ Prosa: O modo natural de falar ou escrever, por oposição a verso.

O Romantismo herdou deste movimento a preocupação com o popular. Não se pode esquecer que a importância do povo para o Romantismo também tem origem nos escritos de Herder (1969), que valorizou sobre maneira o “*espírito do povo*”, que se encontra evidenciado nos tipos físicos e na paisagem natural características de determinado país ou região, sendo a língua nacional expressão máxima de particularidade e união de cada cultura. Taylor (1997), seguindo o fio do pensamento intuitivo de Herder, reafirma que o “*locus*” primário da linguagem está aportado no “*volk*” (povo). Para Taylor (1997), de acordo com Herder, a linguagem se forma na fala, de modo que só pode crescer em uma comunidade de falantes. Desta forma, podemos dizer que a comunidade de falantes cria a linguagem, mas a linguagem constitui e mantém a comunidade de falantes através das relações que são estabelecidas no uso da linguagem. Ainda segundo Elia (2002), a linguagem romântica, portanto, tem origem na linguagem do povo, na língua viva e falada e não na linguagem clássica, empolada e de difícil compreensão para os leigos. É fato que a linguagem romântica também tem, assim como o termo Romantismo, suas origens na cultura popular que é manifestação de costumes e crenças do povo.

A poesia é constituída de emoção e não de razão. Para Paz (1984), a poesia é a palavra de base. Portanto, o princípio metafórico é a base da linguagem. De acordo com este autor, Rousseau e Herder já haviam mostrado que a linguagem atende não às necessidades materiais do Ser Humano, mas à paixão e à imaginação. Não é a fome, mas o amor, o medo e a estupefação que nos fizeram falar. O espanto e a indagação estão na base da atitude filosófica quando da reflexão sobre o mundo e sobre as coisas, portanto, a procura de respostas é uma atitude crítica que está na base da linguagem. Do ponto de vista romântico, toda a linguagem é poética, pois sempre traduzirá nossos anseios subjetivos. “...a linguagem é em sua essência uma operação poética que consiste em ver o mundo como uma trama de símbolos e de relações entre símbolos.” (PAZ, 1984, p. 12) Segundo este autor, o pensamento romântico se desdobra em duas direções que terminam se fundindo: A busca da fusão entre a vida e a poesia, que faz da poesia o fundamento da linguagem e a união deste princípio com a vida histórica. Assim, a linguagem é ação, que sem se desprender das origens, busca sempre uma nova maneira de viver e de sentir.

O Romantismo valoriza a vida da imaginação. A linguagem literária utilizada pelos românticos desde o início de seu movimento, privilegia os sentimentos que excedem as palavras e, portanto, potencializam e provocam o subjetivo na divagação imaginativa. Segundo Zilberman (1999), os românticos, valendo-se de formas populares, procuram valorizar o símbolo, que é expresso por imagens, sendo a metáfora destacada.² Completa a autora dizendo que o projeto estético dos românticos pode ser resumido pela eleição da linguagem simbólica, fundada na imagem concreta, onde existe a valorização da imaginação.

De acordo com a formulação de Epstein (2001), que retoma a fundação da lingüística por Saussure, o signo é o conjunto do significado e do significante. Entende-se significado como um conteúdo, conceito ou noção presente em um signo. O significante é o elemento do signo que impressiona nossos sentidos; é a expressão, a forma. O símbolo é um vínculo natural entre o significado e o significante. Existe dificuldade na distinção entre símbolo e signo, mas os símbolos apresentam algumas características próprias. Pode-se dizer que os símbolos são objetos materiais (com

² A Metáfora é uma figura de linguagem que consiste em designar uma coisa pelo nome de outra que se lhe assemelha.

significado literal e cognitivo) que representam noções abstratas (metafóricas e inconscientes), obrigando, portanto, a interpretação. Uma palavra ou uma imagem é simbólica quando representa algo mais que seu significado imediato. Os símbolos revelam segredos do inconsciente e conduzem à ação por caminhos que muitas vezes não são perfeitamente claros e desta forma, o aspecto inconsciente do símbolo nunca será completamente explicado, mas somente manifesto, percebido e interpretado, como acreditam os românticos. O símbolo se serve de recursos, como por exemplo, a metáfora e a alegoria, que favorecem a imaginação e fogem à literalidade.³ Assim, mais do que definir símbolo, parece ser importante salientar as sensações que este provoca em cada um.

Toda a linguagem é poética e, portanto, simbólica. O símbolo provoca em nós um processo analógico, recordando que a analogia, no sentido de Paz (1984), é a crença na correspondência entre todos os seres e os mundos. Segundo Reboul (2000), raciocinar por analogia – enquanto recurso básico da Retórica - é construir uma estrutura do real que permita encontrar e provar uma verdade graças a uma semelhança de relações. Para este autor, a analogia sempre lida com realidades heterogêneas, assim, a analogia não é uma comparação que dá ensejo à contagem e à medida. Reboul (2000) coloca que a analogia, enquanto uma semelhança entre relações heterogêneas, busca explicar a estrutura e a função argumentativa da metáfora.

Perelman (1987) trata do argumento por analogia e da argumentação por metáforas como indispensáveis ao pensamento criador e como elementos essenciais da persuasão e da convicção. Segundo este autor, o interesse da analogia, por oposição à proporção, mas estabelecendo uma similitude de relações, está na aproximação de dois domínios heterogêneos. O primeiro domínio que é chamado Tema, é o que se deseja esclarecer graças ao segundo domínio, chamado de Foro da analogia. Lembra Perelman (1987) que não se afirma que o tema é igual ao foro, mas que é como o foro, pois a similitude tende para a igualdade sem que esta ocorra, o que faria a analogia desaparecer. Complementa Reboul (2000), sem destoar de Perelman, que a metáfora é uma analogia condensada que expressa certos elementos do tema ou do foro tratado, omitindo outros. A metáfora tem função argumentativa justamente por condensar uma analogia. A metáfora torna perceptível a união dos heterogêneos.

Para Paz (1984), a poesia é uma das manifestações da analogia, onde as rimas e as metáforas não são mais que formas de operação do pensamento analógico. Assim, este ponto de semelhança entre coisas diferentes, a analogia, é a base da linguagem poética e demonstra que um texto é feito de oposições que se resolvem em consonâncias, ou seja, resulta em uma síntese e esta síntese sempre será a tradução de algo, uma metáfora. Taylor (1997) afirma que para que exista a interpretação, para que exista a significação (a síntese) e, portanto, a linguagem, devemos ser capazes de expressar contrastes e conexões. A analogia é uma ponte, é uma mediação que não suprime as distâncias e tampouco anula as diferenças, mas estabelece uma relação entre diferentes. Para Paz (1984), a analogia concebe o mundo como ritmo onde tudo se corresponde porque tudo “...ritma e rima” (p.89). Assim, para este autor de ponto de vista romântico, correspondência e analogia não são mais do que nomes do ritmo universal. Mas, ao mesmo tempo, existe a consciência que neste ritmo universal a diferença está presente e ela jamais permitirá a total integração; é quando existe a quebra do princípio da identidade. Podemos, então, lançar mão da ironia, esta forma de

³ A Alegoria trata-se de uma descrição ou narrativa de que se pode tirar, por analogia, um ensinamento abstrato, geralmente religioso, psicológico ou moral; exemplos são o provérbio, a fábula e a parábola.

expressão que utiliza a graça cáustica e inteligente, deixando claro o paradoxo de dois pensamentos em choque. Assim, o pensamento romântico procura através da ação contraditória, porém convergente, a fusão entre a vida e a poesia (PAZ, 1984) e o símbolo é a fonte da onde bebe. Em conclusão, a analogia é o fio condutor do pensamento romântico que ambiciona suprimir as diferenças na unidade e a ironia é o recurso que os românticos possuem para lidar com a alteridade que teima em dividir o que parecia uno.

Com base em Bühler, Epstein (2001) coloca que são três as funções da linguagem: A função descritiva, a função expressiva e a função apelativa. A função descritiva tem por finalidade, sobretudo informar sobre algo exterior (o contexto), tanto ao falante quanto ao ouvinte. A função expressiva revela processos de natureza emotiva do emissor. A função apelativa tem por finalidade principal conseguir uma determinada conduta do ouvinte.

Segundo Taylor (1997), as primeiras teorias modernas da linguagem deram ênfase à dimensão descritiva da mesma. Posteriormente, no século XVIII, o interesse deslocou-se sensivelmente para os usos expressivos da linguagem. Certos sentimentos se conectam com determinados gestos, por exemplo, o que pode comunicar aos outros nosso sentimento. Para o autor, o papel constitutivo da expressão e o holismo do significado - intuições de Herder que combinadas conduzem a uma sucessão de transformações em nossa compreensão da linguagem – acrescentam uma nova dimensão à mesma. A fala é a expressão do pensamento e esta expressão constitui a dimensão lingüística. A palavra só tem significado dentro de um contexto de usos da linguagem que tem suas bases em um modo de vida. Para tanto, é dentro dos “*jogos de linguagem*” (TAYLOR, 1997, p. 137) que jogamos com nossas palavras que elas adquirem significado. Buytendijk (1977), com base em Gadamer, diz que compreendemos o mundo através destes jogos de linguagem que envolvem os jogadores no movimento lúdico⁴. Este movimento lúdico, para Buytendijk (1977), é um “*vaivém*”, uma alternância na relação dialética entre aparência (modo como se apresentam as coisas) e realidade, bem como, a alternância de uma “*tensão*” e um “*relaxamento*” caracterizando, então, todo o jogo humano. Neste momento, lembramos Elias & Dunning (1992), quando nos falam da “*busca da excitação*” que está presente em todos os aficionados por esporte. A tensão e o relaxamento configuram o excitamento que nos faz mais vivos através da experiência esportiva onde o jogo tem uma de suas moradas mais peculiar e espontânea.

Com a descoberta da linguagem falada, a criança - que todos nós já fomos - encontra finalmente sua humanidade autêntica, posto que nos jogos de linguagem se abre uma nova relação com o mundo e com ela mesma. É um vaivém de afirmações e de negações. Buytendijk (1977) coloca que a assertiva de que “*Jogar é compreender*” (p.66) de Gadamer, diz respeito à essência e ao sentido de qualquer jogo humano. Assim, para Buytendijk (1977), precisamos de um infundável contato com coisas, acontecimentos e pessoas, para aos poucos conseguirmos um acesso satisfatório às significações das palavras. Porém, Buytendijk (1977), ressalta que a linguagem também joga conosco na medida em que ela nos fala, propõe, retira, pergunta e responde, assim nos envolvendo no movimento lúdico. Paz (1984) coloca que o “*jogo da analogia*” (p.98) é infinito, na medida em que quando lemos, repetimos o gesto de quem escreveu, pois toda a leitura é uma tradução que transforma o texto do autor em texto do leitor,

⁴ Huizinga em seu *Homo Ludens*, afirma que na linguagem é como se o espírito estivesse constantemente saltando entre a matéria e as coisas pensadas em uma espécie de jogo.

portanto, o verdadeiro autor de um texto, não é o poeta nem o leitor, mas a linguagem que, desta forma, joga conosco. Paz (1984), não quer dizer que a linguagem suprime autor e leitor, mas os engloba, sendo estes apenas dois momentos existenciais da linguagem: “*Se é verdade que eles se servem da linguagem para falar, também é verdade que a linguagem fala através deles.*” (PAZ, 1984, p.99). Já dizia Schiller (1995), que a humanidade plena só é possível quando jogamos, entendendo-se o jogo como a atuação da razão sobre a emoção e da emoção sobre a razão simultaneamente, colocando-se esta idéia de uma maneira mais simples. A afirmação de nossa humanidade se dá somente quando jogamos e jogar, mesmo inconscientemente, é procurar a harmonia entre estes dois pólos. O jogo nos arrebatava e um dos principais atrativos do jogo é o risco. Quando jogamos abandonamos a segurança e nos arriscamos no desconhecido ceifado de contingências. O ato de jogar pressupõe, portanto, a possibilidade de uma transformação e esta transformação é uma atividade criativa. Buytendijk (1977) salienta que a coragem de arriscar no jogo torna-se uma condição primordial, a tal ponto que o jogador pode viver um estado de ânimo beirando o êxtase ou a vertigem. Neste arrebatamento, o maior risco realmente é o da transformação “*do mundo e do próprio Ser*” (p.82), posto que neste arriscar existe sempre a possibilidade do assumir de novas posturas e idéias e, portanto, da mudança.

Dentro deste ponto de vista, o qual coloca a linguagem como jogo e o jogo como um processo de descobertas e transformações, retornamos a Taylor (1997). Este afirma que o pensamento de Herder parte da idéia de que se a linguagem serve para expressar um novo tipo de consciência, pode não só fazer possível um novo conhecimento das coisas, como também dar ensejo a novos modos de sentir e de reagir ante as coisas. Se ao expressar nossos pensamentos podemos chegar a novos pensamentos, da mesma forma ao expressar nossos sentimentos podemos chegar a “*sentimentos transformados*” (p.139). Ao sermos capazes de expressar nossos sentimentos, isto nos capacita para termos novos sentimentos e, portanto, mais autoconhecimento através da dimensão reflexiva. Experimentamos nossas emoções primariamente ao expressá-las e não ao descrevê-las. Lembra Taylor (1997), que muito comumente expressamos nossos sentimentos ao falar de outras coisas, quando, por exemplo, demonstramos indignação ao condenar ações injustas ou mostramos nossa admiração ao falar das qualidades de alguém, portanto, mais do que descrever, precisamos demonstrar. Finalizando, salientamos que muito do que sentimos não se transmite pelas palavras, senão pelo que demonstram nossos gestos e nossa aparência, o que fica evidente pelo interesse de diferentes modalidades de análise semiótica no estudo das linguagens do gesto, do corpo e até mesmo da moda.⁵

A linguagem simbólica de que se servem os românticos, portanto, é um discurso que se vale de artifícios que estimulam nossa imaginação e criatividade através de figuras que evocam nossas emoções e, desta forma, acontecendo a expansão do símbolo na interpretação e tornando então explícito o que está implícito no mesmo, sem jamais esgotá-lo, mas objetivando uma ação, uma mudança de comportamento ou reflexão sobre o mesmo. A linguagem romântica, despojada de virtuosismos técnicos, mas calcada em sentimentos, é rica, porque aproxima as emoções ao usar a palavra mais visceral que é expressa pela linguagem falada corriqueira, a prosa. A linguagem romântica/poética propicia o autoconhecimento ao percebermos que a expressão dos

⁵ Para tanto, ver: PERUZZOLO, A. et al. *O corpo semiotizado*. Porto Alegre: Edições EST, 1994. FERREIRA, N. Olhares sobre o corpo e imaginário social. In: VOTRE, S. (Org.) *Imaginário & Representações Sociais em Ed. Física, Esporte e Lazer*. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2001.

sentimentos, das emoções vividas no íntimo de cada um, é propulsora de ações e, portanto, de transformações e/ou afirmações. A linguagem, para os românticos, é um processo analógico que torna perceptível a união dos heterogêneos, assim satisfazendo os anseios românticos de integração e valorização das diferenças que se articulam com base no princípio único que propõe a síntese.

A linguagem romântica e o esporte

O símbolo sempre representa algo. Lovisolo (1997) propõe que em relação aos esportes, os símbolos que nos interessam são os que possuem uma relação significativa com a emotividade e este é seu poder. Já foi afirmado que a conduta do Ser Humano está calcada sobre dois pólos: A razão e a emoção. Segundo o autor, razão e emoção possuem linguagens diferentes e cotidianamente as procuramos conciliar para que possamos orientar nossas ações.

A ação de cada um somente passa a ser significativa quando apreendemos seu sentido, ou seja, quando em uma relação construída entre o sujeito e o objeto surge a interpretação e se percebe a intencionalidade. Prossegue Lovisolo (1997) dizendo que as linguagens expressam intencionalidades e assim, para falarmos dos esportes necessitamos colocar em ação linguagens que permitam a compreensão de seus fazeres.

Lovisolo (1997) defende que para entender por que fazemos determinadas coisas, usamos de forma conjunta em nossa sociedade, três linguagens dominantes: A da norma, a da utilidade e a do gosto. A linguagem da norma refere-se a uma ampla gama de ações que realizamos porque seguimos uma tradição, uma determinação burocrático-legal. A linguagem da utilidade refere-se a razão prática como orientadora da ação para a obtenção da utilidade. A linguagem do gosto afirma que fazemos algo apenas porque gostamos e que somos o que somos, sobretudo pelos gostos que temos. É na linguagem do gosto que pensamos a formação de nossas personalidades, pois o gosto irá direcionar e muito a construção de nosso eu.

A ética se forma nos costumes que constituem o tecido da sociedade e a estética, enquanto oriunda da capacidade de sentir e experienciar emoções com o outro, são nuances de um mesmo comportamento humano. Reportamo-nos a Schiller (1995), salientando que este autor reclama pelo convívio harmonioso entre a ética e a estética como meio de expressão da “*natureza dupla*” (p.83) do Ser Humano. Bohrer (2001), ao discutir sobre ética e estética, repassa autores como Nietzsche, Wilde, Musil, Lyotard e Breton. Bohrer (2001) entende que a reflexão sobre o imbricamento entre estes pólos é complexa e não se pode ter uma decisão rigorosa da questão. De qualquer maneira, este autor afirma que não só a modernidade clássica, mas também o que ele chama de “*pós-modernidade*” (a atualidade), deixam desvendar uma presença do ético no estético. Campbell (2001), deixa claro como o fenômeno do gosto é fundamental para se compreender como se dão o atual comportamento social ocidental e especialmente o consumo. Para este autor, o gosto é um conceito ético e estético, pois o consumo moderno requer dos indivíduos a aceitação de responsabilidades por seus gostos, tendendo a trazer com ele a necessidade de se formarem julgamentos estéticos. Parece que quando cultivamos o gosto, podemos estar trabalhando na perspectiva de Schiller (1995), na qual o Ser Humano somente se fará verdadeiramente humano quando buscar cultivar seus dois impulsos.

A linguagem da norma e a linguagem da utilidade estão calcadas na razão e esta é supra-individual, enquanto a linguagem do gosto apóia-se na emoção e esta é absolutamente individual, por mais que possa ser compartilhada. Lovisolo (1997)

salienta que as linguagens da norma e da utilidade implicam em sanções a nossas liberdades, enquanto a linguagem do gosto cultiva a liberdade, a autocriação e a criatividade. Campbell (2001) corrobora o pensamento de Lovisolo (1997), lembrando que o gosto revela a sensibilidade individual, sendo critério do prazer emocional que estimula a novidade. Esta sensibilidade individual demonstra o estilo próprio de cada um e tem seu ápice na idéia do “*Gênio artístico romântico*” (p.287), o mediador criativo – de desempenho único - entre o Absoluto e os Seres Humanos comuns. Para Campbell (2001), o prazer emocional proporcionado pelo exercer do gosto no advento do Romantismo, veio valorizar como virtuoso aquele que cultiva o prazer se opondo a uma sociedade repressora. No momento atual, a insatisfação com a vida real e a avidez por novas experiências, se acham na base de muitas condutas. Os ensinamentos românticos relativos ao bom, ao verdadeiro e ao belo proporcionam legitimação e motivação para o comportamento moderno. O Romantismo continua a agir tentando suplantar o tradicionalismo convencional e, portanto, impulsionar a dinâmica do consumismo. Assim, no raciocínio de Campbell (2001), o gosto tem lugar primordial.

Gostaríamos de ser orientados pelo gosto, mas frequentemente somos constrangidos pelas normas e pelas utilidades. A realização do gosto, para Lovisolo (1997), é amplamente aceita como idealidade, mas nem sempre como praticidade. Existem pessoas que conseguem sobrepor estas três esferas, mas o mais comum é o conflito entre as mesmas.

Para Lovisolo (1997), a linguagem do gosto apropriou-se crescentemente dos esportes, sem, contudo, eliminar os discursos da norma e da utilidade. Esta apropriação de que fala este autor, parece encontrar fundamento no comportamento social atual aventado por Campbell (2001), que estaria bastante baseado na busca do prazer idealizado como uma qualidade potencial de toda experiência. O esporte por trabalhar grandemente com o sonho, o devaneio, com a coragem de arriscar e, portanto, com a busca do prazer, parece ser espaço profícuo à linguagem do gosto.

O contexto esportivo, ou a comunidade esportiva, tem uma identidade própria. Esta “*comunidade de falantes*” (TAYLOR, 1997, p. 140) se mantém unida principalmente pela paixão que o esporte desperta em seus membros. Atletas, técnicos, dirigentes, torcidas, comentaristas, simpatizantes, críticos e praticantes em geral, compartilham do mesmo universo e partilham da mesma linguagem, o que nos remete à noção de pertencimento de Herder resgatada por Berlin (1982). Lovisolo (1990), com base nesta idéia de Herder, salienta que os indivíduos são o que são, em função de seus pertencimentos. Portanto, desta forma se cultiva uma tradição que se desenvolve e se solidifica no uso da linguagem.

A linguagem do gosto traz em baila a valorização da autenticidade, da originalidade, da criatividade própria de cada um. Existe através dela a valorização do eu, do eu individual e do eu coletivo, expresso, por exemplo, na identidade nacional. Podemos dizer que a linguagem do gosto encontra eco na linguagem simbólica dos românticos ao permitir e privilegiar o devaneio criativo que salienta as individualidades, mas deseja a integração. A linguagem romântica no esporte busca vencer a angústia da cisão e vê no próprio esporte a possibilidade da integração almejada pelos românticos.

Bibliografia:

BERLIN, I. *Vico e Herder*. Brasília: Editora UNB, 1982.

- BOHRER, K. H. O ético no estético. In: ROSENFELD, D. (Org.) *Ética e estética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BUYTENDIJK, J. O jogo humano. In: GADAMER – VOGLER *Nova antropologia*. São Paulo: EDUSP, nº 4, 1977. p. 63-87
- CAMPBELL, C. *A ética romântica e o espírito do consumismo moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- ELIA, S. Romantismo e lingüística In: GUINSBURG, J. (Org.) *O romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- ELIAS, N. e DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: Disfel, 1992.
- EPSTEIN, I. *O signo*. São Paulo: Ática, 2001.
- HERDER, J. G. The present state of man is probably the connecting link of two worlds In: BARNARD, F. M. (Org.) *J. G. Herder on social and political culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.
- LOVISOLO, H. *Educação popular: maioria e conciliação*. Salvador: UFBA, 1990.
- LOVISOLO, H. *Estética, esporte e educação física*. Rio de Janeiro: Sprint, 1997.
- PAZ, O. *Os filhos do barro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- PERELMAN, C. Analogia e metáfora. In: *Enciclopédia Einaudi*. Portugal: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, V. 11, 1987.
- REBOUL, O. *Introdução à retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- RICOEUR, P. *Interpretação e ideologias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- SCHILLER, F. *A educação estética do homem*. São Paulo: Iluminuras, 1995.
- TAYLOR, C. *Argumentos filosóficos (ensayos sobre el conocimiento, el lenguaje y la modernidad)* Barcelona: Paidós, 1997.
- ZILBERMAN, R. Crítica In: JOBIM, J. L. (Org.) *Introdução ao romantismo*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999.
- lupeilbasq@hotmail.com
Rua Domingos Guedes Cabral, 120/301, Pelotas, RS, 96030-310
Meio de apresentação: Data Show